

A Inmaque da Natureza



AGENDA

Dezembro	21		Solstício de Inverno: 12h04.
	27		Lua Nova. Marés vivas.
	31		Às 23h59mn59s, adiantar os relógios 1 s.
Janeiro	1		Nascimento: 7h45. Ocaso: 17h25.
	4		Quarto Crescente. Marés mortas.
	4		Chuva de meteoros (Quadrântidas).
	11		Lua Cheia. Marés vivas.
	18		Quarto Minguante. Marés mortas.
	26		Lua Nova. Marés vivas.
Fevereiro	1		Nascimento: 7h35. Ocaso: 17h55.
	2		Dia Mundial das Zonas Húmidas.
	2		Quarto Crescente. Marés mortas.
	9		Lua Cheia. Marés vivas.
	16		Quarto Minguante. Marés mortas.
Março	25		Lua Nova. Marés vivas.
	1		Nascimento: 7h02. Ocaso: 18h26.
	4		Quarto Crescente. Marés mortas.
	11		Lua Cheia. Marés vivas.
	14		Dia Internacional de Acção pelos Rios.
	18		Quarto Minguante. Marés mortas.
	20		Equinócio da Primavera: 11h44.

UMA GRANDE PAIXÃO PELAS URTIGAS

Em dias mais quentes de Fevereiro ou Março, podem já observar-se os primeiros voos da borboleta-das-urtigas (*Aglais urticae*). Trata-se de indivíduos adultos que saíram das suas crisálidas em meados do Verão e hibernaram durante a época fria, muitas vezes em sótãos, celeiros, muros ou casas em ruínas.



Esta borboleta de tamanho médio (4,5 a 6 cm de envergadura) e asas acastanhadas com ocelos marginais azulados, alimenta-se nesta época de plantas com floração precoce como alguns salgueiros. Mas do que ela gosta mesmo é de urtigas que procura na Primavera um pouco por todo o lado, em campos, jardins e margens de caminhos. Chega então a altura de fazer a primeira postura anual, geralmente na face inferior das folhas jovens da planta, sob a forma de grandes cachos de ovos esverdeados e com cristas verticais. Uma semana depois, nascem as lagartas que imediatamente tecem um casulo comum onde se abrigam

do frio ou durante a noite. Também elas se alimentam de urtigas e, à medida que sofrem mudas sucessivas, vão-se tornando cada vez mais solitárias. Imediatamente antes de entrarem na fase de crisálida, apresentam o corpo escuro com duas características faixas laterais amarelas. Os primeiros voos desta primeira geração anual de adultos surgem em meados da Primavera (geralmente em Maio). Daqui resultará uma segunda geração estival responsável pela manutenção da espécie até à Primavera seguinte.

SININHOS SERRANOS

Nos matos e barrancos da Serra Algarvia surgem agora as flores da urze-portuguesa (*Erica lusitânica*), um belo arbusto que pode atingir vários metros de altura.



Os ramos são esbranquiçados porque se encontram cobertos de pelos e as folhas são pequenas (5 a 7 mm) e dispostas em verticilos. As flores são produzidas em grande número, em cachos laterais. São também de pequeno tamanho (4-5 mm) e possuem forma de sino com vários lóbulos arredondados. São geralmente de cor branca, mas podem apresentar tons rosados. No seu interior escondem-se 8 estames arroxeados, enquanto a parte feminina da flor se projecta para fora através de um estilete fino e um estigma cónico e vermelho. O fruto é uma pequena cápsula que se abre por meio de 4 valvas. Esta espécie é muito semelhante à urze-branca (*Erica arborea*) que se distingue dela pelas folhas ligeiramente mais pequenas (3-5 mm) e pela corola e estigma de cor branca, ocorrendo sobretudo no sudoeste algarvio.

ÁRVORES COM OLHOS

O olho-dourado (*Teloschistes chrysophthalmus*) é um dos mais vistosos líquenes da nossa região. Vive sobre os ramos de diverso tipo de árvores (amendoeira, alfarrobeira, figueira, oliveira, castanheiro, sobreiro, etc.), apresentando-se sob a forma de um talo de cor amarelada (por cima) e branca (por baixo), densamente segmentado e coberto de cílios amarelos nas margens. Constitui geralmente pequenos tufos ramificados, com 2 cm de diâmetro, que emergem dos ramos da árvore.



Tal como os restantes líquenes, esta espécie de fungo ascomicete vive em simbiose perfeita e permanente com uma alga, neste caso uma alga verde unicelular do género *Trebouxia*. Na época húmida, o fungo emite frutificações (apotécios) de considerável tamanho (1-4 mm), com o aspecto de taças de cor laranja-vivo e margem ciliada, onde são produzidos os esporos.

PINHAS DE ANO NOVO

Pequenas pinhas secas festejam o Ano Novo nos ramos despídos do amieiro (*Alnus glutinosa*). Presente nos barrancos da Serra de Monchique, esta árvore prefere viver em solos muito húmidos e pobres, onde outras espécies crescem com dificuldade. Um dos segredos para esta resistência é a presença nas suas raízes de nódulos amarelados contendo uma bactéria simbiótica (*Frankia alni*) capaz de fixar o azoto atmosférico e transformá-lo em compostos essenciais ao crescimento da planta. Também diversas espécies de fungos estabelecem outras relações de simbiose com as raízes do amieiro (micorrizas), permitindo-lhe ter acesso a preciosos nutrientes. No final do Inverno, nascem as flores, masculinas e femininas na mesma árvore, precedendo o aparecimento das novas folhas.



ESTALAM TENAZES NAS PROFUNDEZAS

A sapateira (*Cancer pagurus*) é um gigante no mundo dos caranguejos, podendo atingir 30 cm de largura e mais de 1 kg de peso. Enquanto jovem vive na zona das marés mas, na fase adulta, surge em profundidades até 100m, sobre fundos rochosos ou arenosos. Encontra-se activa sobretudo



durante a noite, altura em que se dedica a caçar moluscos e outros caranguejos. O acasalamento ocorre geralmente no Inverno, aproveitando o macho a época de muda da fêmea para a inseminar. Os espermatozoides não são, no entanto, utilizados de imediato, mas antes armazenados pela fêmea num receptá-

culo especial (espermateca), mantendo-se viáveis durante meses e servindo para fecundar muitos milhões de ovos. À medida que vão sendo produzidos, os ovos ficam retidos e desenvolvem-se sob a carapaça durante, pelo menos, mais 6 meses. As fêmeas grávidas não se alimentam e mantêm-se escondidas sob as rochas ou enterradas na areia. Finalmente, a partir de finais do Verão, nascem as larvas, apenas com 1 mm de comprimento, que inicialmente vivem à deriva entre o plâncton marinho.

BRUXARIAS

Antes de a ver é bem provável que se sinta a presença da gaiola-de-bruxa (*Clathrus ruber*) pelo cheiro nauseabundo a excrementos que exala uma vez madura, e que serve para atrair moscas e outros insectos capazes de ajudar a dispersar os esporos. Este estranho cogumelo é, no entanto, mínima-



mente comestível enquanto jovem, ainda no estado de "ovo" semi-enterrado no solo rico em húmus de pinhais, sobreirais e barrancos húmidos. Tem então o aspecto de uma esfera de 3 a 8 cm de diâmetro, com invólucro exterior (perídio) branco e intacto. Em breve, porém, o perídio se fragmenta, deixando a descoberto o receptáculo cor de rosa ou vermelho, em forma de rede esponjosa, no interior do qual se dispõe a massa de esporos (gleba), castanha-esverdeada e viscosa, responsável pelo cheiro desagradável do cogumelo.

FEROZES AMORES DE SAPO

Quando as noites chuvosas mas doces de Março anunciam já a Primavera, o sapo-comum (*Bufo bufo*) abandona as suas tocas escondidas nas encostas ou na margem dos jardins e hortas para se dirigir, em grande número, para a ribeira ou charco mais próximo, normalmente o local onde nasceu. O acasalamento dá-se na água, mantendo-se, por vezes, o macho, mais pequeno, e a fêmea, por vezes enorme (20 cm ou mais), agarrados durante muitos dias. A concorrência é, no entanto, muito feroz e vários machos podem tentar encavalitar-se sobre uma fêmea impassível. A postura consta de dois cordões gelatinosos com vários metros de comprimento e incluindo entre 2 a 7 milhares de ovos escuros. Pouco tempo depois, nascem as larvas, com 4-6 mm de comprimento, num estado muito precoce do seu desenvolvimento e que demoram ainda algumas semanas até atingirem a fase de girino. Em contraste com os adultos, os girinos de sapo-comum são dos mais pequenos entre as espécies de anuros portuguesas, raramente ultrapassando 3 cm de comprimento. São quase completamente negros e alimentam-se activamente de algas e detritos vegetais. Dois ou três meses após a postura dá-se a metamorfose. Os pequenos sapos, com cerca de 1 cm de comprimento, abandonam então a água para só voltarem 3-4 anos depois quando se encontram sexualmente maduros.



AS LEBRES ANDAM LOUCAS

Logo após o início do ano, começa todo um frenesim nos campos e charnecas onde a lebre (*Lepus granatensis*) ainda sobrevive. Ao crepúsculo, os machos perseguem as fêmeas completamente fora de si, correndo e zigzagueando a cem à hora (na realidade, apenas a 70 km/h no máximo...), elevando-se sobre as patas posteriores como cangurus pugilistas, dando grandes saltos e combatendo outros machos intronitados. Após muitas recusas e certamente já um pouco enfatiada de tanta confusão, a fêmea lá se decide a escolher um parceiro. Entre 42 a 44 dias mais tarde, nasce a primeira ninhada do ano, a que se seguirão mais uma ou duas. Ao contrário do seu primo coelho, na lebre os nascimentos ocorrem ao ar livre, na "cama" habitualmente utilizada pela mãe e escondida entre as pedras ou a vegetação, apenas acondicionada com pêlo e ervas secas. Neste primeiro parto do ano, nascem geralmente só 1 ou 2 crias, nos outros entre 3 e 4, já de olhos bem abertos e cobertas de pêlo. Três dias depois, a fêmea já espalhou a prole por locais diferentes, visitando cada filho ao entardecer para o amamentar durante alguns minutos. No entanto, os jovens rapidamente se começam a bastar a si próprios, sendo capazes de se alimentar, fugir ou esconder-se dos predadores. Um ano depois já estão prontos a reproduzir-se.



PÁSSARO COR DE CÉU E DE SOL

Com o aproximar do fim do Inverno, o chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*) abandona pouco a pouco a animada vida em bandos buliçosos e chilreantes que animam as zonas de arvoredo frondoso, sobretudo em montados, pinhais mistos e alguns parques urbanos, procurando constantemente e por toda a parte os insectos de que se alimenta. Chegou a hora de procurar parceiro para este pequeno pássaro, um dos mais belos da nossa avifauna. O macho executa voos em espiral, saltita e canta para a fêmea, penas azuis do boné eriçadas com a excitação.

Em breve, o casal escolherá um buraco numa árvore para instalar o ninho, podendo também ocupar uma caixa-ninho previamente colocada no seu território. Ai acumula um emaranhado de



musgos, palhas e raminhos atapetado de penas e pêlo, onde a fêmea deposita até uma dúzia de ovos esbranquiçados com manchas castanho-avermelhadas. Duas semanas após a postura, nascem as crias que experimentam os primeiros voos ao fim de 20 dias.